



Enivo e as novas cores do concreto

João Pedro Alves*

Aos 12 anos de idade, quando Marcus Vinícius usou pela primeira vez uma lata de grafitti, não imaginava que seus traços se espalhariam pelo mundo. A arte do paulista Enivo, nome adotado por ele, que foi exibida em cidades, como Nova York e Amsterdã, vai se fixar agora nas paredes do prédio do Conic, na capital do país, como parte do Vulica. “O grafitti constrói a cidade ao conferir não apenas vida, mas identidade aos lugares”, afirma.

Em Brasília, onde Enivo esteve em 2022 para a exposição coletiva Na luta, na lata, ele pretende deixar um painel para “inspirar esperança” a partir da representação fraterna de pessoas que caminham rumo ao alto

de uma montanha, metáfora do ponto no qual é possível observar caminhos percorridos. “É uma cena de comunhão entre jovens, em sua maioria negros. Eles estão em um momento de descoberta, chegando ao topo.”

A obra, que também simboliza o direito de sonhar, carrega paralelos com a própria trajetória artística de Enivo. Nas mais de 20 mil intervenções urbanas assinadas por ele, temas como afrofuturismo, família e exaltação das contribuições dos povos indígenas à cultura brasileira ocupam papel de destaque. “Defino meu trabalho como o direito de um jovem periférico gravar a sua face no mundo”, resume Enivo.

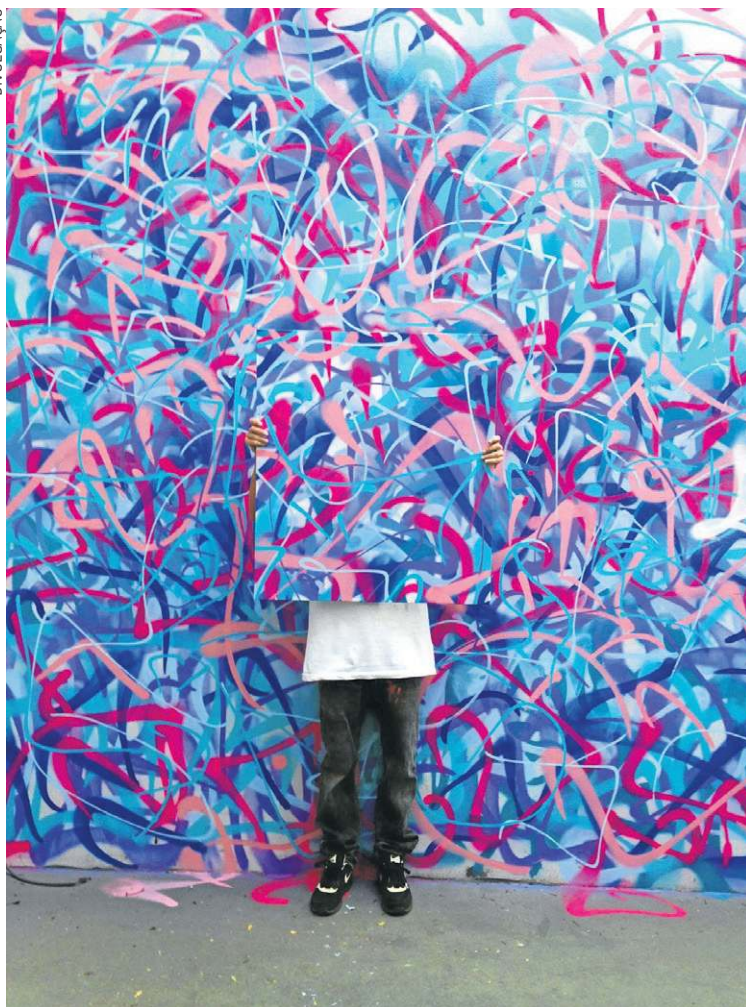
***Estagiário sob supervisão de Severino Francisco**

ANNA SILVEIRA



Enivo, artista de São Paulo, começou no grafitti aos 12 anos de idade e produziu mais de 20 mil obras, expostas pelo mundo

DIVULGAÇÃO



Rafael Sliks

Rafael Sliks

Por Lucas Maia*

Rafael Sliks é um artista nascido em São Paulo que compõe a line-up do Vulica — primeiro grande evento de arte urbana em Brasília — Sliks começou na cultura de rua com o skate até finalmente se interessar pelo grafite. Seu nome é um neologismo criado por ele que é a palavra em inglês Skills, que significa habilidade, escrita ao contrário. Em suas obras, ele busca soltar seus movimentos para transmitir algo. “Na minha arte pretendo me expressar. Gosto muito de criar profundidade. Assim, deixo em aberto para que as pessoas possam sentir o que quiserem”, diz.

Ele tem intervenções em vários lugares. São Paulo, Lyon, Paris, Amsterdã e Tóquio são algumas cidades em que o artista tem pinturas estampadas nas paredes. Para Brasília, ele traz uma mostra do que ele costuma fazer, a

caligrafia de seu nome, reescrita repetidamente para construir uma figura abstrata. “Geralmente, faço meu nome, com repetições, ou palavras livres, formando minha poesia em texturas”, destaca. Rafael utiliza muito o azul em suas obras, mas gosta de combinar diferentes cores. “Gosto da cor azul, porque sinto que o azul tem algo espiritual. Mas gosto de muitas cores e combinações”, completa.

O Vulica, inédito no país, chega a Brasília na próxima segunda (11/8), no Conic, e se estende pelo Setor Comercial Sul até o dia 24 de agosto. As primeiras edições foram em Minsk, capital de Belarus. O nome do evento vem do idioma local, Vulica significa “rua” em belarusso e a rua onde se originou o festival, foi apelidada de “Rua Brasil”.

***Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco**